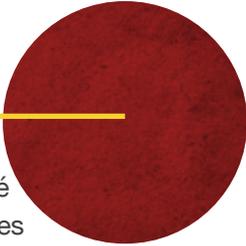


CADERNO DE EXPERIÊNCIAS ATIVAS EDUCATIVAS

EDUCAÇÃO
ANTIRACISMO
**LA
GIRA
LA**
DECOLONIALIDADE
CULTURA

APRESENTAÇÃO



GiraLab – cultura, educação, antirracismo, decolonialidade é um laboratório de cocriação e formação coletiva para educadores atuantes em escolas públicas, em museus e instituições culturais, com foco nas perspectivas antirracista e decolonial. O GiraLab vem sendo construído como um espaço de reflexão e experimentação ao convidar educadores a compartilharem suas experiências e práticas educativas, a aprofundarem seus conhecimentos teóricos e a se envolverem coletivamente no desenvolvimento de novas proposições.

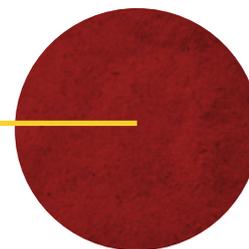
Entre 2022 e 2023, foram realizadas oficinas, criados protótipos e elaborados conteúdos que podem ser acessados na página giralab.org.br. O **Caderno de Experiências Educativas** é um dos frutos desse processo, que segue em curso. Este material reúne diversas propostas educativas relacionadas ao antirracismo que podem ser usadas e adaptadas às realidades escolar, social e cultural, incentivando reflexões importantes para a construção de ambientes mais equitativos.

As atividades são voltadas a pessoas que atuem em ambientes de educação formal ou não formal, espaços culturais e de convivência. Esperamos que os roteiros aqui elaborados favoreçam que você coloque seus conhecimentos em prática, desenvolva suas próprias visões sobre os conteúdos e acervos mobilizados e dialogue com o seu grupo ou contexto educativo. Elaboradas por participantes dos encontros formativos online do GiraLab, as atividades abordam temas como mulheres intelectuais negras, agroecologia urbana, ética do cuidado, trabalho doméstico, histórias silenciadas e linguagem audiovisual. Os graus de detalhamento, abrangência e duração variam. Para orientar essa leitura há um quadro de classificação para cada proposta, que você pode utilizar como um mapa de navegação para localizar práticas que respondam aos seus interesses ou desafios.

Oferecemos este material como um estímulo a novos diálogos que aproximem a equipe do Projeto GiraLab, as pessoas que elaboraram as atividades e as pessoas interessadas em colocá-las em prática, em um processo circular de trocas de conhecimento e experiências. Portanto, caso tenha dúvidas e/ou sugestões, ou queira compartilhar como foi sua experimentação, entre em contato conosco pelo e-mail intermuseus@intermuseus.org.br colocando no assunto: Caderno de Experiências Educativas. Gostaríamos de receber mensagens compartilhando relatos sobre como este material foi ativado em diferentes contextos educativos.

Equipe GiraLab

SUMÁRIO



5

LINGUAGEM AUDIOVISUAL E ANTIRRACISMO

POR ALINE FÂTIMA DA SILVA COSTA MAGNO

11

AS TENTATIVAS DE SILENCIAMENTO DA HISTÓRIA NEGRA E INDÍGENA NOS ESPAÇOS URBANOS

POR BETHSAIDD KHALL SILVA NAZARENO

15

INTELECTUAIS NEGRAS

POR CINTHYA DE FÂTIMA DO AMARAL CORDOVIL OLIVEIRA

23

INTELECTUAIS NEGRAS - DISCUTINDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

POR CINTHYA DE FÂTIMA DO AMARAL CORDOVIL OLIVEIRA

31

O TRABALHO DO CUIDADO E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

POR JESSICA ROCHA

35

AGROECOLOGIA URBANA ANTIRRACISTA COM BASE EM PRÁTICAS DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

POR WILSON ROBERTO VERONEZ JÚNIOR

38

FICHA TÉCNICA

LINGUAGEM AUDIOVISUAL E ANTIRRACISMO

ALINE FÁTIMA DA
SILVA COSTA MAGNO*

* Realizadora audiovisual, performer, pesquisadora, produtora cultural e artista educadora paulistana. Formada em Letras pela USP, trabalha com educação popular desde 2005. Tem atuado com letramento digital e produção audiovisual junto às juventudes, infâncias e idosidades periféricas, especialmente em Cidade Tiradentes, extremo Leste de São Paulo. Atriz formada pela SP Escola de Teatro, investigadora e criadora das artes do corpo, com formação em Capoeira Angola, Danças Afro-brasileiras, Dança Contemporânea e Performance. Realizou 12 filmes, entre médias e curtas metragens, transitando entre as funções de performer, diretora, roteirista e montadora; alguns de seus filmes já foram exibidos em mostras e festivais no Brasil e no exterior. É artista orientadora de Audiovisual no Programa Vocacional, da Secretaria Municipal de Cultura; tem especialização em Educação em Direitos Humanos (UFABC) e em Arte-Educação (ECA-USP). É mestranda do Programa de Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades (FFLCH-USP), onde desenvolve pesquisa em antropologia audiovisual, cinema autobiográfico, subalternidades e escrevivência. Na música, atua como cavaquinista, percussionista, compositora e produtora musical. Fundadora e diretora da Mercúria Produtora, é moradora de Cidade Tiradentes e ativista local.

PLANO DE AULA	
ATIVIDADE	
DETALHAMENTO / DESENVOLVIMENTO	
ABRANGÊNCIA	
DURAÇÃO	 120 minutos

OBJETIVOS

Este plano de aula visa criar um espaço e um tempo destinados à investigação da linguagem audiovisual, especificamente o gênero documentário, e à discussão sobre o racismo estrutural da sociedade brasileira, inerente às questões ligadas ao trabalho doméstico, desigualdades sociais de gênero, raça e direitos humanos, presentes no documentário *Babás*, de Consuelo Lins.

COMO OBJETIVOS ESPECÍFICOS, TEMOS

1. Compreender alguns dos elementos da linguagem audiovisual no contexto documental.
2. Analisar como o documentário *Babás* aborda questões de trabalho doméstico, desigualdades sociais, gênero, raça e direitos humanos.
3. Promover a discussão sobre as condições de trabalho das babás e suas histórias.
4. Desenvolver habilidades de análise crítica e expressão criativa dos alunos.
5. Identificar o ponto de vista da realizadora e o foco narrativo que ela constrói, e localizá-los socialmente de maneira crítica.

PÚBLICO(S) EM DIÁLOGO

Este plano de aula foi pensado para estudantes do Ensino Fundamental II, do Ensino Médio e da EJA. Entendemos que as discussões aqui apresentadas podem ser experienciadas por pessoas a partir de 12 anos.

ACERVOS, REFERENCIAIS, CONTEÚDOS MOBILIZADOS



NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES CONTRA-HEGEMÔNICAS (Podcast GiraLab - 22min)

Episódio com Jaqueline Santos e Nego Júnior, Ednéia Gonçalvesque aborda o racismo que se manifesta nas estratégias de silenciamento dos sujeitos negros enquanto produtores de conhecimentos e de narrativas sobre si mesmos, no campo acadêmico e da fotografia.



REFERÊNCIA PRINCIPAL

BABÁS - 1800-2010, de Consuelo Lins, disponível no YouTube História Intempestiva, 20min, 20 de janeiro de 2022.

VÍDEOS PARA CONHECER MAIS SOBRE O CONCEITO DE RACISMO ESTRUTURAL:



O QUE É RACISMO ESTRUTURAL | Silvio Almeida.
YouTube TV Boitempo, 10min, 13 de setembro de 2016.



DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL - 2 MINUTOS PARA ENTENDER! | YouTube Superinteressante,
2min35, 20 de novembro de 2016.



MULHERES NEGRAS E TRABALHO DE CUIDADO | Taís Araújo.
YouTube ONU Mulheres Brasil, 2min44, 30 de maio de 2023.



REPORTAGENS E OUTROS MATERIAIS QUE COMPLEMENTAM AS TEMÁTICAS ABORDADAS:

A HISTÓRIA DE MULHERES NEGRAS ESCRAVIZADAS 'ALUGADAS' COMO AMAS DE LEITE NO SÉCULO 19.

Francielly Barbosa, Portal Terra, Alma Preta, 20 de outubro de 2023.



AMA DE LEITE, A MÃE PRETA QUE CRIOU O BRASIL E OS BRASILEIROS. Conceição Freitas,
Portal Metrópolis, 12 de maio de 20019

METODOLOGIAS

Este plano de aula dialoga com a abordagem triangular do ensino e a apreciação da arte, desenvolvido pela educadora e pesquisadora brasileira Ana Mae Barbosa, cujo trabalho é referência no âmbito da arte-educação no Brasil. Ela propõe uma abordagem interdisciplinar e integrada para a educação artística, que combina três elementos principais: o fazer artístico, a apreciação artística e a contextualização histórica e cultural.

1. FAZER ARTÍSTICO

Este é o aspecto prático da abordagem triangular, que envolve a criação de arte. Os estudantes são encorajados a experimentar, explorar e expressar suas ideias por meio de atividades artísticas, como desenho, pintura, escultura, música, dança, teatro etc. O fazer artístico permite que os alunos desenvolvam habilidades técnicas e expressem suas próprias experiências e criatividade.

2. APRECIÇÃO ARTÍSTICA

A apreciação artística envolve a análise e interpretação da arte. Os alunos aprendem a observar, analisar e interpretar obras de arte, desenvolvendo uma compreensão mais profunda das formas de expressão artística. Isso inclui a análise de elementos como forma, cor, linha, textura, movimento, entre outros. A apreciação artística também incentiva os estudantes a refletir sobre o significado e o contexto das obras de arte.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL

Este aspecto da abordagem triangular se concentra em situar as obras de arte em seus contextos históricos e culturais. Isso envolve o estudo das influências sociais, políticas e culturais que moldaram as obras de arte e os artistas que as criaram. A contextualização ajuda os alunos a entender melhor o significado e o propósito das obras de arte, bem como a relação entre a arte e a sociedade.

A abordagem triangular de Ana Mae Barbosa promove uma compreensão mais completa e profunda da arte, permitindo que os alunos experimentem, apreciem e contextualizem a arte de forma interligada. Ela também enfatiza a importância da educação artística como um meio de desenvolver a criatividade, o pensamento crítico e a sensibilidade cultural. Essa abordagem tem sido amplamente adotada em programas de educação artística em muitos países e contribui para uma educação mais abrangente e enriquecedora.

Nesta proposta de atividade, a abordagem triangular se dá da seguinte maneira: a fruição ou apreciação artística a partir da exibição do filme; a contextualização da obra por meio de pesquisas com ferramentas de buscas na internet; e a produção de material criativo a partir das discussões, reflexões frutos do processo.

PASSO A PASSO PARA A REALIZAÇÃO

MATERIAIS E RECURSOS:

- Projetor ou dispositivo para exibição do documentário;
- Cópias do documentário “Babás” de Consuelo Lins (pode ser disponibilizado online);
- Lousa e giz ou quadro branco e marcadores;
- Recursos de escrita (cadernos, lápis, canetas);
- Acesso à internet para pesquisa.

ETAPAS:

Introdução (10 minutos):

Iniciamos com uma breve discussão sobre o que os alunos entendem por linguagem audiovisual em documentários e como os documentários podem transmitir mensagens e contar histórias.

Apresentamos o objetivo da atividade: investigar a linguagem audiovisual por meio do documentário *Babás* e discutir questões sobre trabalho doméstico, desigualdades sociais de gênero, raça, classe, e direitos humanos.

Exibição do documentário *Babás* (20 minutos):

Exibição do documentário *Babás* na íntegra para a turma. Certificando-se de que todas as pessoas estejam confortáveis e focadas durante a exibição.

Discussão (20 minutos):

Iniciamos uma discussão em sala de aula após a exibição do documentário, incentivando os alunos e alunas a compartilharem suas impressões iniciais sobre o filme.

É possível fazer perguntas como: Qual é a mensagem central do documentário *Babás*? Como o filme aborda as questões de trabalho doméstico, gênero e direitos humanos? Quais aspectos do filme foram mais impactantes para você? Por quê?

Sugerimos que os alunos pesquisem em sites de busca palavras-chave como “racismo estrutural”, “desigualdade racial”, “trabalho doméstico” e outras entradas nesse contexto. Em seguida, promovemos uma discussão sobre as histórias das babás e suas condições de trabalho.

Para finalizar essa etapa, ouvimos o episódio do podcast GiraLab “Narrativas e representações contra-hegemônicas” sugerido em **Acervos, referenciais, conteúdos mobilizados**, e refletimos sobre a seguinte fala da pesquisadora Jaqueline Santos (localizada na minutagem 6:23): “Para você entender a história do Brasil de fato, você tem que recorrer a expressões culturais [...]”. Como poderíamos relacionar essa fala com a atividade?

Atividade de análise (20 minutos):

Dividimos a turma em grupos pequenos. Nos grupos, os estudantes deverão fazer buscas na internet a partir da palavra “documentário”, a fim de encontrar definições, conceituações que possam compor um acervo de informações que auxiliem na compreensão desse gênero audiovisual.

Em seguida, fornecemos a cada grupo uma série de perguntas para análise do documentário, como: Como a diretora utilizou a linguagem audiovisual para transmitir as histórias das babás? Quais técnicas de filmagem foram usadas para enfatizar as condições de trabalho das babás? Como a trilha sonora contribuiu para o impacto emocional do documentário?

Pedimos então que os grupos compartilhem suas pesquisas e observações com a turma.

Atividade de expressão criativa (30 minutos):

Pedimos que, desta vez individualmente ou em duplas, os estudantes escolham uma cena ou aspecto do documentário *Babás* que os impactou e criem um ensaio fotográfico, áudio-poema, ou um pequeno vídeo que explore essa cena ou aspecto, lançando mão de seus smartphones ou câmeras para tirar fotos ou gravar vídeos.

- Nesta etapa, estimulamos a turma a refletir sobre a mensagem que desejam transmitir por meio de sua expressão criativa.

Conclusão (20 minutos):

No encerramento da atividade realizamos uma discussão geral sobre as mensagens transmitidas pelo documentário *Babás* e como a linguagem audiovisual pode ser uma poderosa ferramenta para abordar questões sociais de forma crítica e criativa.

Aquelas pessoas que se sentirem à vontade, nesse momento, podem compartilhar com a turma suas produções.

ESTRATÉGIA(S) DE AVALIAÇÃO

A avaliação processual e formativa é uma alternativa pertinente para esta atividade. Trata-se de um tipo de avaliação educacional que ocorre ao longo de um processo de aprendizado, com o objetivo de acompanhar o progresso dos alunos, identificar áreas de dificuldade e fornecer retorno contínuo para melhorar o desempenho.

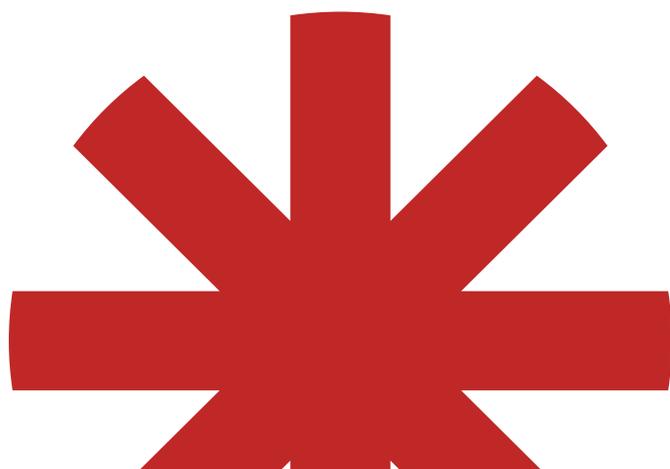
A avaliação formativa pode utilizar uma variedade de métodos, como questionários, discussões em sala de aula, trabalhos práticos, avaliação por pares e muito mais, para obter uma imagem completa do desempenho dos alunos, que são frequentemente envolvidos no processo, permitindo que se auto-avaliem e participem da discussão sobre seu próprio progresso.

Nesta atividade temos três etapas práticas que podem servir de parâmetro para a avaliação processual: a primeira, de pesquisa e elaboração crítica sobre racismo estrutural que fundamentará a primeira discussão em torno da temática do filme apresentado. A segunda etapa diz respeito à pesquisa e elaboração crítica sobre o gênero documentário; e a terceira etapa diz respeito à produção criativa de material audiovisual. O desempenho e o engajamento dos estudantes durante todo o processo podem ser tomados como índices avaliativos, bem como a autoavaliação da turma no que se refere às aprendizagens em torno dos temas, das técnicas e tecnologias utilizadas na atividade.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES:

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.



AS TENTATIVAS DE SILENCIAMENTO DA HISTÓRIA NEGRA E INDÍGENA NOS ESPAÇOS URBANOS

BETHSAIDD KHALL SILVA NAZARENO*

* Bethsaidd, 49 anos, piauiense, é professora de História da rede pública estadual de São Paulo há 9 anos. Formada pela Universidade Estadual do Piauí, atualmente atua como CGPAC (coordenadora de área) de Ciências Humanas de uma escola PEI-Programa de Ensino Integral. Mestranda em Educação pela Universidade São Francisco-USF, Itatiba/SP. Nos últimos anos tem se dedicado ao combate a práticas racistas em sala de aula, procurando promover um ambiente de respeito entre os alunos e a divulgação da cultura afro-brasileira.

	SEQUÊNCIA DIDÁTICA
	CONJUNTO DE ATIVIDADES
DETALHAMENTO / DESENVOLVIMENTO	
ABRANGÊNCIA	
DURAÇÃO	 4 horas

OBJETIVOS

- Reconhecer os processos de apagamento das histórias negras e indígenas no Brasil.
- Identificar as razões para os apagamentos das histórias negras e indígenas no Brasil.
- Relacionar espaços urbanos que tiveram as contribuições africanas e indígenas apagadas de suas histórias oficiais.
- Indicar alternativas para reconstruir essas histórias nesses espaços.

PÚBLICO(S) EM DIÁLOGO

Estudantes do Ensino Médio - 1ºano.

ACERVOS, REFERENCIAIS, CONTEÚDOS MOBILIZADOS



A PRESENÇA NEGRA NA CIDADE DE SÃO PAULO

(Podcast GiraLab - 33min)

O podcast GiraLab escuta José Abílio Ferreira, escritor, jornalista e pesquisador nas áreas de literatura, memória e patrimônio, e profundo conhecedor e disseminador da história da presença negra na região central de São Paulo.



LEMBRAR E RECONHECER - A HISTÓRIA DE SÃO PAULO É PRETA E INDÍGENA (Podcast GiraLab - 29min)

O podcast GiraLab escuta Tadeu Kaçula @t_kacula, compositor, sambista e sociólogo que pesquisa a mudança social e a participação política no bairro da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo.



TUTORIAIS SOBRE COMO CRIAR UM FANZINE



COMO FAZER UM ZINE OU FANZINE - DICAS DE COMO COLORIR

Youtube de Camila Cabral, 6min, 29 de junho de 2017.

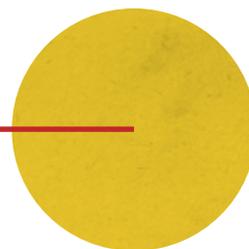


COMO FAZER UM FANZINE / ZINE? (+ IDEIAS DE COMO PREENCHER!)

Youtube de Natxhypy Blog, 7min, 27 de novembro de 2018.

METODOLOGIAS

- Exposição oral do tema;
- Retomada dos conteúdos sobre escravidão, colonização e libertação dos escravizados;
- Chuva de palavras com os conceitos levantados pelos alunos;
- Audição dos Podcasts.



PASSO A PASSO PARA A REALIZAÇÃO

MATERIAIS E RECURSOS:

- Dispositivo com internet para a escuta dos podcasts e para a realização das pesquisas previstas;
- Quadro, giz, apagador;
- Cartolina, canetas, papel sulfite colorido, revistas velhas para recortar.

ETAPAS:

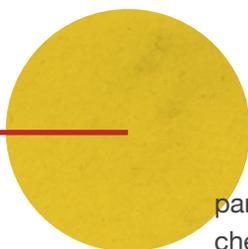
Encontro 1: Exposição do tema da aula

Neste momento, o professor deverá resgatar alguns conteúdos referentes à organização das grandes cidades e o processo de “higienização” ocorrido nelas. Aconselhamos para essa retomada os seguintes conteúdos:

- a. A chegada da Família Real em 1808 e como a escassez de prédios e casas levaram a população a se afastar de suas moradias

para atender a demanda advinda da chegada da Corte portuguesa ao Brasil.

- b. A luta abolicionista e as diversas leis correlatas, abordando como cada uma poderia interferir no cotidiano e nos espaços urbanos da época.
- c. A abolição da escravatura, abordando o dilema sobre o destino dos ex-escravos; além da falta de políticas públicas para enfrentar essa situação.
- d. A “higienização” promovida pela Primeira República nos espaços urbanos, fundamentada no ideal europeu.
- e. Contextualização dos processos de higienização e branqueamento ocorridos nos últimos anos em espaços urbanos brasileiros. Sugerimos a leitura e a contextualização da obra *O Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus.



Encontro 2: Escuta e discussão

- Escuta dos podcasts;
- Perguntar aos alunos se eles conhecem alguns dos espaços citados e suas opiniões sobre as informações apresentadas.

Encontro 3: Pesquisa

- Pesquisar sobre os espaços citados nos podcasts;
- Pesquisar espaços apagados na sua cidade.

Encontro 4: Criação dos fanzines

- Após a pesquisa, montar fanzines com esse material, usando a criatividade para deixá-los bem ilustrados e coloridos;
- Ao terminar os fanzines, socializar com os colegas e expor o material produzido para a escola.

ESTRATÉGIA(S) DE AVALIAÇÃO

- Participação do aluno em sala de aula;
- Trabalho realizado em sala de aula.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

AB'SABER, Aziz N. **A Época colonial**: Do descobrimento à expansão territorial. Introdução de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2002. (História Geral da Civilização Brasileira).

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Sociedade brasileira**: uma história através dos movimentos sociais. 3º ed. Rio de Janeiro : Record, 2000.

CARDOSO, Fernando Henrique. **O Brasil republicano**: estrutura de poder e economia (1889-1930). 6º ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997. (História Geral das Civilizações).

ELLIS, Myriam. **O Brasil monárquico**: declínio e queda do Império. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003. (História Geral das Civilizações).

JESUS, Carolina Maria de. **O quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10º ed. São Paulo : Ática, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **O Brasil monárquico**: Império à República. Sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2000. (História Geral da Civilização).

IGLÉSIAS, Francisco. **O Brasil monárquico**: reações e transações. Sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2000. (História Geral da Civilização Brasileira).

NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**: Império. Organizador do volume: Luiza Felipe de Alencastro. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

NOVAIS, Fernando. A. **História da vida privada no Brasil**: Contrastes da intimidade. Organizador do volume: Lília Moritz Schwarcz. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

INTELECTUAIS NEGRAS

CINTHYA DE FÁTIMA DO
AMARAL CORDOVIL OLIVEIRA*

* Amazonense, educadora social e empregada pública federal. Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela FAC/UNINORTE; pesquisadora no Núcleo de Estudos Reflexos de Palmares pela UNIFESP-BS, com participação no Projeto Intelectuais Negras Brasileiras.

PROJETO DIDÁTICO	
PROGRAMA DE CURSO	
DETALHAMENTO / DESENVOLVIMENTO	
ABRANGÊNCIA	
DURAÇÃO	 1 bimestre / 8 horas

OBJETIVOS

- Apresentar algumas intelectuais negras e algumas de suas contribuições.
- Compreender de que forma suas contribuições são importantes para a luta antirracista e decolonial.
- Desconstruir conceitos e trabalhar vieses inconscientes em torno do racismo.
- Discutir a inserção de perspectivas negras na academia.
- Explorar formas de incluir pessoas brancas na luta antirracista e decolonial.

PÚBLICO(S) EM DIÁLOGO

Alunos do Ensino Médio, professores e ativistas.

ACERVOS, REFERENCIAIS, CONTEÚDOS MOBILIZADOS



TIRAR UM PESO DAS COSTAS PARA COLOCAR NA ESCRITA (Podcast GiraLab - 28min)

O GiraLab escutou Tawane Teodoro @pretata, poeta, slammer e ativista cultural, uma das idealizadoras do Sarau do Capão, em Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo. Tawane nos fala sobre como as lutas dos movimentos sociais, feminismo, antirracismo, rap, hip hop e slam se entrecruzam em sua trajetória e sua poesia.





FUNK, EXPRESSÃO ARTÍSTICA E CULTURAL - COMBATENDO O RACISMO EPISTEMOLÓGICO (Podcast GiraLab - 25min)

O GiraLab escutou Renata Prado @renattaprado, dançarina, coreógrafa, professora e pesquisadora do funk como expressão artística e movimento cultural. Renata é idealizadora do projeto Academia do Funk e é moradora do bairro Itaim Paulista, na Zona Leste de São Paulo.



CITAÇÕES

Quarto de despejo

de Carolina Maria de Jesus

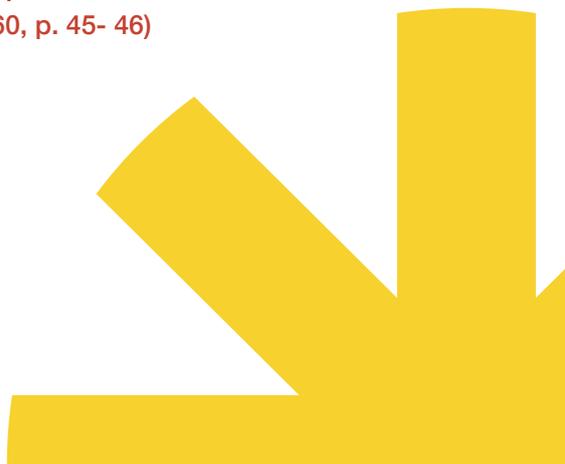
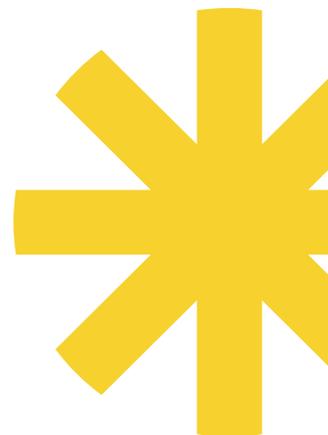
Crítica sobre a forma como as pessoas pretas e pobres são tratadas:

“[...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 1960, p. 28)

Sobre a fome:

“27 de maio de 1958

A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? [...] Pensei em guardar para comprar feijão. Mas vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me. Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos. A comida no estômago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. Meu corpo deixou de pesar. [...] Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei a sorrir como se eu estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida”. (JESUS, 1960, p. 45- 46)



Racismo e sexismo na cultura brasileira

de Lélia Gonzalez

Sobre a posição que as mulheres negras vivenciam na sociedade brasileira:

“O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Conseqüentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta.” (GONZALEZ, 1984, p. 224)

Sobre a necessidade dos negros escreverem e apresentarem sua própria história, sem intermediadores:

“Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.” (GONZALEZ, 1984, p. 225)

Sobre o mito da democracia racial:

“Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto.” (GONZALEZ, 1984, p. 225)



Conceição Evaristo

“A pobreza pode ser um lugar de aprendizagem, mas apenas quando você a vence. Se não, é o lugar da revolta, da impotência, da incompreensão. E aí você não faz nada. Hoje eu vejo que a pobreza foi o lugar fundamental da minha aprendizagem diante da vida. —Minha literatura não é pior nem melhor do que qualquer outra, só nasce de uma experiência diferente da qual eu me orgulho e que não quero camuflar.” (EVARISTO, 2016)

“Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassavam) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção...” (EVARISTO, 2007)

Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil

de Sueli Carneiro

“A análise dos dados sobre mortalidade, morbidade e expectativa de vida sustenta a visão de que a negritude se acha inscrita no signo da morte no Brasil, sendo sua melhor ilustração o déficit censitário de jovens negros, já identificados estatisticamente em função da violência que os expõe de modo prioritário ao “deixar morrer”, além dos demais negros e negras, cuja vida é cerceada por mortes evitáveis, que ocorrem pela omissão do Estado.” (CARNEIRO, 2011, p. 87)

Mulheres, raça e classe

de Angela Davis

“[...] a sororidade entre mulheres negras e brancas é de fato possível [...], desde que erguida sobre uma base firme.” (DAVIS, 2016, p. 112)



Interseccionalidade

de Carla Akotirene

(coleção Feminismos Plurais)

“[...] nos Estados Unidos, até a década de 1960, não contratava mulheres negras e, quando passou a fazê-lo, na década seguinte, manteve a discriminação de raça e gênero prescrita às demissões compulsórias e restrições para admissão baseadas na altura e

no peso corporal de funcionários. Em 1976, a trabalhadora Emma DeGranffenreid e várias mulheres negras processaram a General Motors por discriminação de raça e gênero, pois os homens negros trabalhavam na linha de montagem e as mulheres brancas nos serviços de secretariado. Para a Corte, tradicionalmente masculina e branca, é muito difícil compreender a identidade interseccional e criminalizar o racismo e o sexismo institucionalizados contra as mulheres negras sem enveredar pelos mesmos expedientes que as levaram a recorrer às leis antidiscriminação, senão desmarginalizar raça e gênero.” (AKOTIRENE, 2019, p. 62-63)

Virgínia Leone Bicudo

“Os psiquiatras me chamavam de charlatã, achavam que só médico poderia exercer a psicanálise.” (BICUDO, 1994)

Feminismo negro para um marco civilizatório

de Djamila Ribeiro

“A causa feminista, como supracitada, luta pelo direito da mulher na sociedade e, mesmo assim, houve a necessidade de fragmentar essa causa para abranger todas as mulheres e com isso surge, dentre tantos, o feminismo negro. Quando a luta feminista deixa de lado a vertente da mulher negra generalizando-as como lutadoras de uma mesma luta, acaba incorporando esse discurso e estruturando o discurso das mulheres brancas como dominante.” (RIBEIRO, 2016, p. 101)

PASSO A PASSO PARA A REALIZAÇÃO

MATERIAIS E RECURSOS:

- Textos e vídeos selecionados;
- Acesso à internet;
- Quadro ou tela para projeção;
- Espaço para as dinâmicas em grupo, no caso dos encontros presenciais;
- Gamificação para o encontro on-line;
- Computador ou *notebook*.

ETAPAS:

Perguntas sudeadoras:

Sobre os podcasts

- Como a poesia de Tawane Teodoro aborda as experiências das mulheres em relação ao gênero e à identidade?
- De que forma a produção de Carolina Maria de Jesus e de Tawane Teodoro se relacionam?
- Você sabe o que é Slam?
- Por que escrever é uma forma de reexistir?
- Como o funk, enquanto expressão artística, tem sido marginalizado historicamente e como isso se relaciona com o epistemicídio?

- Quais são os estereótipos e preconceitos presentes na academia em relação ao funk e como isso contribui para o epistemicídio?
- Em que medida a falta de representatividade do funk na academia reflete um problema mais amplo de exclusão de expressões culturais negras?
- A dança contribui para que as pessoas procurem conhecer mais o funk?

Sobre as autoras e os textos

- De que forma você identifica a interseccionalidade na vida de Carolina Maria de Jesus?
- Por qual motivo você acha que Carolina Maria de Jesus não era conhecida no Brasil como Clarice Lispector?
- De que forma as intelectuais negras apresentadas sofreram com o sexismo?
- Qual a relação entre Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo?
- Como Conceição Evaristo retrata a vivência das mulheres negras em sua literatura?
- Qual é a contribuição de Lélia Gonzales para o Feminismo Negro no Brasil?
- O que é Democracia Racial?
- As pessoas negras estão em posição de igualdade com as pessoas brancas? Fundamente sua resposta.
- Você acha que o racismo foi vivenciado por essas intelectuais?
- A expectativa de vida dos negros é igual a das pessoas brancas?
- O que é epistemicídio e como ele se manifesta na produção do conhecimento?
- Como as intelectuais negras apresentadas contribuem para a desconstrução do epistemicídio?
- Qual o papel da academia na perpetuação ou desconstrução do racismo estrutural?
- Quais são as estratégias eficazes para incluir perspectivas negras nos currículos e pesquisas acadêmicas?
- Como as pessoas brancas podem se engajar de forma efetiva na luta antirracista e decolonial sem reproduzir padrões de opressão?

Encontros para criação de conteúdos (parte I)

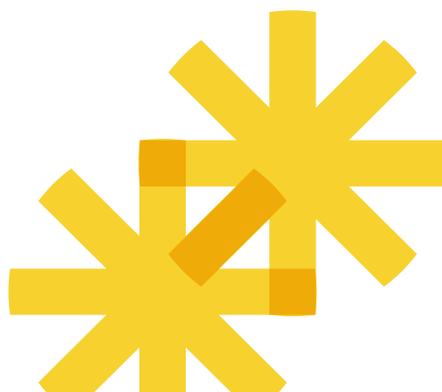
Sugestão de quatro encontros para criação de conteúdos contendo os seguintes pontos:

1. Apresentação de intelectuais negras e suas contribuições.
2. Apresentação sobre os conceitos relacionados.
3. Textos principais: trechos do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus; texto “Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita”, de Conceição Evaristo; texto “Racismo e Sexismo na cultura brasileira”, de Lélia Gonzalez e o livro *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*, de Sueli Carneiro.
4. Exercício: Realizar uma produção textual relacionando a temática proposta a uma das intelectuais apresentadas.

Encontros para criação de conteúdos (parte II)

Sugestão de quatro encontros para criação de conteúdos com os seguintes pontos:

1. Discussão sobre o epistemicídio e o empoderamento negro feminino.
2. Apresentação das intelectuais Angela Davis, bell hooks, Carla Akotirene, Djamila Ribeiro, Kimberlé Crenshaw e dos conceitos a serem debatidos. Leitura de textos e citações das intelectuais negras apresentadas.
3. Enegrecendo a academia: inclusão de perspectivas negras.
4. Exercício: Realizar uma produção textual relacionando a temática proposta a uma das intelectuais apresentadas.
5. Estudo de caso sobre a presença negra e a importância da representatividade na academia. Criação de estratégias para incluir perspectivas negras na academia.



- Desenvolver dinâmicas de grupo para debater formas de inclusão mais efetiva.
- Por exemplo: dança da cadeira, quem sair tem que explicar por que merece o lugar da cadeira e quem ficou tem que contra-argumentar. O melhor argumento que preze pela justiça social vence o jogo.
 - Engajamento de pessoas brancas na luta antirracista e decolonial.
 - Estratégias, diálogo aberto, possíveis desafios, armadilhas e ações concretas.

ESTRATÉGIA(S) DE AVALIAÇÃO

Avaliação diagnóstica e formativa a partir da análise do desenvolvimento das atividades propostas.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- EVARISTO, Conceição. “Conceição Evaristo: a literatura como arte da escrivência”. Entrevista concedida ao jornal O Globo, em 11/07/2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicaoovaristoliteratura-como-arte-da-escrevencia19682928#ixzz4E6xZ7TFF>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- EVARISTO, Conceição. “Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos. Antônio. (Org.) **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1961.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2018. 152 p. (Feminismos Plurais).
- BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Marcos Chor Maio (org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.
- BICUDO, Virgínia Leone. “Já fui chamada de charlatã!” – Folha de São Paulo, 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/05/mais/12.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. “Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades”. **Revista Mediações**. Londrina, v. 20 n. 2, p. 27-55, 2015.
- CRENSHAW, Kimberlè. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 7, n. 12, p. 171-188, jan./2002.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- hooks, bell. “Intelectuais Negras”. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº 2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp. 464-478.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos plurais).
- RIBEIRO, Djamila. “Feminismo negro para um novo marco civilizatório”. In: **Sur - Revista Internacional de Direitos Humanos**. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- XAVIER, Giovana. **Ciência, lugar de fala e mulheres negras na academia**. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2018/Ci%C3%A7ncia-lugar-de-fala-e-mulheres-negras-na-academia>. Acesso em: 23 nov. 2023.

INTELECTUAIS NEGRAS - DISCUTINDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

CINTHYA DE FÁTIMA DO
AMARAL CORDOVIL OLIVEIRA*

* Amazonense, educadora social e empregada pública federal.
Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda
pela FAC/UNINORTE; pesquisadora no Núcleo de Estudos
Reflexos de Palmares pela UNIFESP-BS, com participação no
Projeto Intelectuais Negras Brasileiras.

	SEQUÊNCIA DIDÁTICA
	CONJUNTO DE ATIVIDADES
DETALHAMENTO / DESENVOLVIMENTO	
ABRANGÊNCIA	
DURAÇÃO	 1 mês / 4 horas

OBJETIVOS

- Fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a compreensão do mito da democracia racial, do racismo estrutural e de como ambos culminaram nas desigualdades social e racial em nosso país.
- Apresentar algumas intelectuais negras.
- Compreender de que forma suas contribuições são importantes para luta antirracista e decolonial.
- Explicar a necessidade da decolonialidade na educação.
- Desenvolver a análise e a criticidade dos alunos, de forma a capacitá-los como multiplicadores do conhecimento e atuantes na luta antirracista e decolonial.

PÚBLICO(S) EM DIÁLOGO

Alunos do Ensino Médio, professores e ativistas.

ACERVOS, REFERENCIAIS, CONTEÚDOS MOBILIZADOS



LEMBRAR E RECONHECER - A HISTÓRIA DE SÃO PAULO É PRETA E INDÍGENA (Podcast GiraLab - 29min)

O podcast GiraLab escutou Tadeu Kaçula @t_kacula, compositor, sambista e sociólogo que pesquisa a mudança social e a participação política no bairro da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo.





CITAÇÕES

Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil

de Sueli Carneiro

“O pensamento social brasileiro tem longa tradição no estudo da problemática racial e, no entanto, em quase toda a sua história, as perspectivas teóricas que o recortaram respondem, em grande parte, pela postergação do reconhecimento da persistência de práticas discriminatórias em nossa sociedade.” (CARNEIRO, 2011, p. 15)

Tornar-se negro

de Neusa Santos Souza

“Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.” (SOUZA, 1983, p. 17)

Uma história feita por mãos negras

de Beatriz Nascimento

“Certa vez, em Salvador, eu conversava com um jovem chefe de família que tentava convencer-me de como a Bahia era o maior centro de tolerância racial do mundo. Ao justificar tal pretensão para o seu estado, mostrou-se um adepto apaixonado da miscigenação e recorreu ao seu exemplo. Mostrou-me os dois filhos pequenos, ambos mulatos, mas com diferenças de tonalidade de pele, e disse: ‘Está vendo? Este aqui saiu quase como eu (referindo-se ao menino mais escuro), mas este já saiu melhor; quase louro’. Dizendo isso, enquanto eu e o primeiro menino olhávamos atônitos para ele, concluiu: ‘Desse jeito o negro vai desaparecendo e não teremos conflito racial como nos Estados Unidos’.” (NASCIMENTO, 2021)

Virgínia Bicudo

“Desde criança eu sentia o preconceito de cor, queria o curso de sociologia porque, se o problema era esse preconceito, eu deveria estudar sociologia para me defender do preconceito, que é formado ao nível sociocultural.” (BICUDO, 1994)





Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão

de Nilma Lino Gomes

“Ninguém nega o fato de que todos nós gostaríamos que o Brasil fosse uma verdadeira democracia racial, ou seja, que fôssemos uma sociedade em que os diferentes grupos étnico-raciais vivessem em situação real de igualdade social, racial e de direitos. No entanto, os dados estatísticos sobre as desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho e na saúde e sobre as condições de vida da população negra, revelam que tal situação não existe de fato. Todavia, a sociedade brasileira, ao longo do seu processo histórico, político, social e cultural, apesar de toda a violência do racismo e da desigualdade racial, construiu ideologicamente um discurso que narra a existência de uma harmonia racial entre negros e brancos. Tal discurso consegue desviar o olhar da população e do próprio Estado brasileiro das atrocidades cometidas contra os africanos escravizados no Brasil e seus descendentes, impedindo-os de agirem de maneira contundente e eficaz na superação do racismo.” (GOMES, 2012, p. 56)

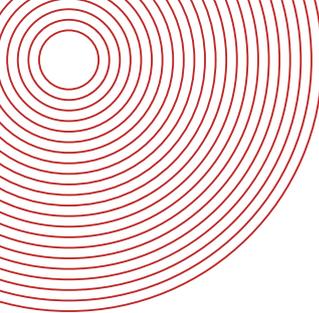
O genocídio do negro no Brasil

de Abdias Nascimento

“Depois de sete anos de trabalho, o velho, o doente, o aleijado, o mutilado, aqueles que sobreviveram aos horrores da escravidão e não podiam continuar mantendo satisfatória capacidade produtiva eram atirados à rua, à sua própria sorte, qual lixo humano indesejável: estes eram chamados de ‘africanos-livres’.” (NASCIMENTO, 1978, p. 65)

“As feridas da discriminação racial se exibem ao mais superficial olhar sobre a realidade social do país. Até 1950, a discriminação em empregos era uma prática corrente, sacionada pela lei consuetudinária. Em geral os anúncios procurando empregados se publicavam com a explícita advertência: ‘Não se aceitam pessoas de cor’. Mesmo após a lei Afonso Arinos de 1951, proibindo categoricamente a discriminação racial, tudo continuou na mesma. Trata-se de uma lei que não é cumprida e nem executada.” (NASCIMENTO, 1978, p. 82)





PASSO A PASSO PARA A REALIZAÇÃO

MATERIAIS E RECURSOS:

- Textos e vídeos selecionados;
- Acesso à internet;
- Quadro ou tela para projeção;
- Espaço para as dinâmicas em grupo, no caso dos encontros presenciais;
- Gamificação para o encontro *on-line*;
- Computador ou *notebook*.

ETAPAS

Preparação:

Texto para reflexão e introdução às temáticas a serem desenvolvidas:

A abolição da escravidão no Brasil, em 1888, foi um marco importante, porém, ela não eliminou as consequências e as marcas deixadas ao longo dos séculos. Muitos descendentes de escravizados ainda enfrentam desigualdades sociais, econômicas e educacionais. A discriminação racial persiste em várias formas na sociedade brasileira, afetando oportunidades de emprego, acesso à educação de qualidade e até mesmo a interação social. Além disso, a estrutura histórica que perpetuou a escravidão influenciou na configuração atual da sociedade, moldando sistemas políticos, econômicos e culturais que nem sempre são igualitários. As ideias racistas enraizadas continuam a ter impacto na maneira como as pessoas são tratadas e percebidas. O processo de reconhecimento, reparação e mudança é contínuo. Tornar-se verdadeiramente livre não é apenas uma questão de leis, mas também de mudanças profundas na mentalidade



coletiva, na estrutura social e na promoção ativa da igualdade e justiça para todos. É um trabalho em andamento que exige ação e comprometimento constantes. Desta maneira, para compreender a democracia racial, é necessário entender a ideia por trás desse conceito, assim, apresentar o pós-abolição até a contemporaneidade visa demonstrar a linha do tempo em que se desenvolveu esse conceito que é perpetuado, infelizmente, até os dias atuais. Importante também apresentar como os negros ingressaram no sistema educacional brasileiro, os desafios e os avanços das políticas afirmativas e as oportunidades apresentadas. Por fim, apresentar dados estatísticos que comprovam que precisamos avançar para validar a educação de qualidade e trabalho para todos.

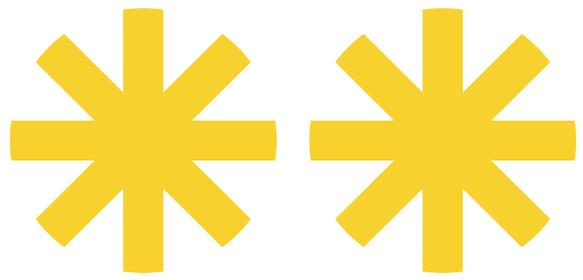
Perguntas sudeadoras:

Sobre o podcast

- A Zona Norte de São Paulo é reconhecida como território negro e beneficiada por isso?
- Você sabe o que é gentrificação?
- O que o entrevistado Tadeu Kaçula atribui como divisor de águas na cidade de São Paulo?
- Cite territórios que eram negros e foram transformados pelo branqueamento.

Sobre os textos

- Você já ouviu falar na lei dos “vadios e capoeiras”? Sabe quando se deu e por que ela serviu como propulsora do encarceramento em massa da população negra?
- A literatura negra é um recorte na literatura brasileira, você sabe por que ela é importante para o empoderamento negro?



- *Casa Grande e Senzala* é um livro de Gilberto Freyre que contribui para o mito da democracia racial. A partir da compreensão de que não existe democracia racial no Brasil, de que forma podemos desmistificar essa ideia?
- Quais são as principais diferenças entre a visão de Gilberto Freyre sobre democracia racial e a visão de seus críticos?
- Que implicações a tese da democracia racial de Gilberto Freyre tem para a compreensão das relações raciais no Brasil e no exterior?
- Como é o ingresso de pessoas negras no ensino superior e no mercado de trabalho na atualidade? Você acha que as ações afirmativas são suficientes?
- Vemos a aplicabilidade das leis nos ambientes institucionais e nos espaços laborais?
- De que forma podemos contribuir para mudar as situações que continuam a oprimir e excluir a população negra?

Encontros para criação de conteúdos

Sugestão de quatro encontros para criação de conteúdos contendo os seguintes pontos:

1. Avaliação Diagnóstica e Apresentação

Dividir os estudantes em grupos e fazer avaliação diagnóstica sobre o que sabem sobre o conteúdo a ser apresentado.

Apresentar algumas intelectuais negras e suas contribuições para o tema, como Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro e Virgínia Leone Bicudo.

2. Contextualização e Análise crítica

Contextualização histórica e social: origens históricas; idealização *versus* realidade.

Análise crítica: apresentar o que acreditam estar por trás da teoria da democracia racial. Desmistificar o conceito de democracia racial.

3. Discutir fontes e textos

Propor a leitura dos textos críticos. Realizar uma análise comparativa entre alguns autores.

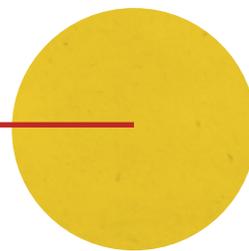
4. Atividades Interativas - Debates e Discussões

Dividir a turma em grupos e propor que apresentem personalidades negras que admiram e o que elas têm a ver com as temáticas apresentadas.

Estudos de caso: apresentar aos estudantes casos para que identifiquem o problema e a solução.

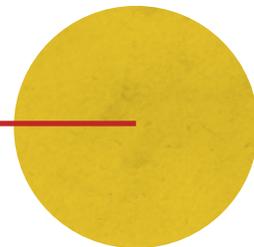
ESTRATÉGIA(S) DE AVALIAÇÃO

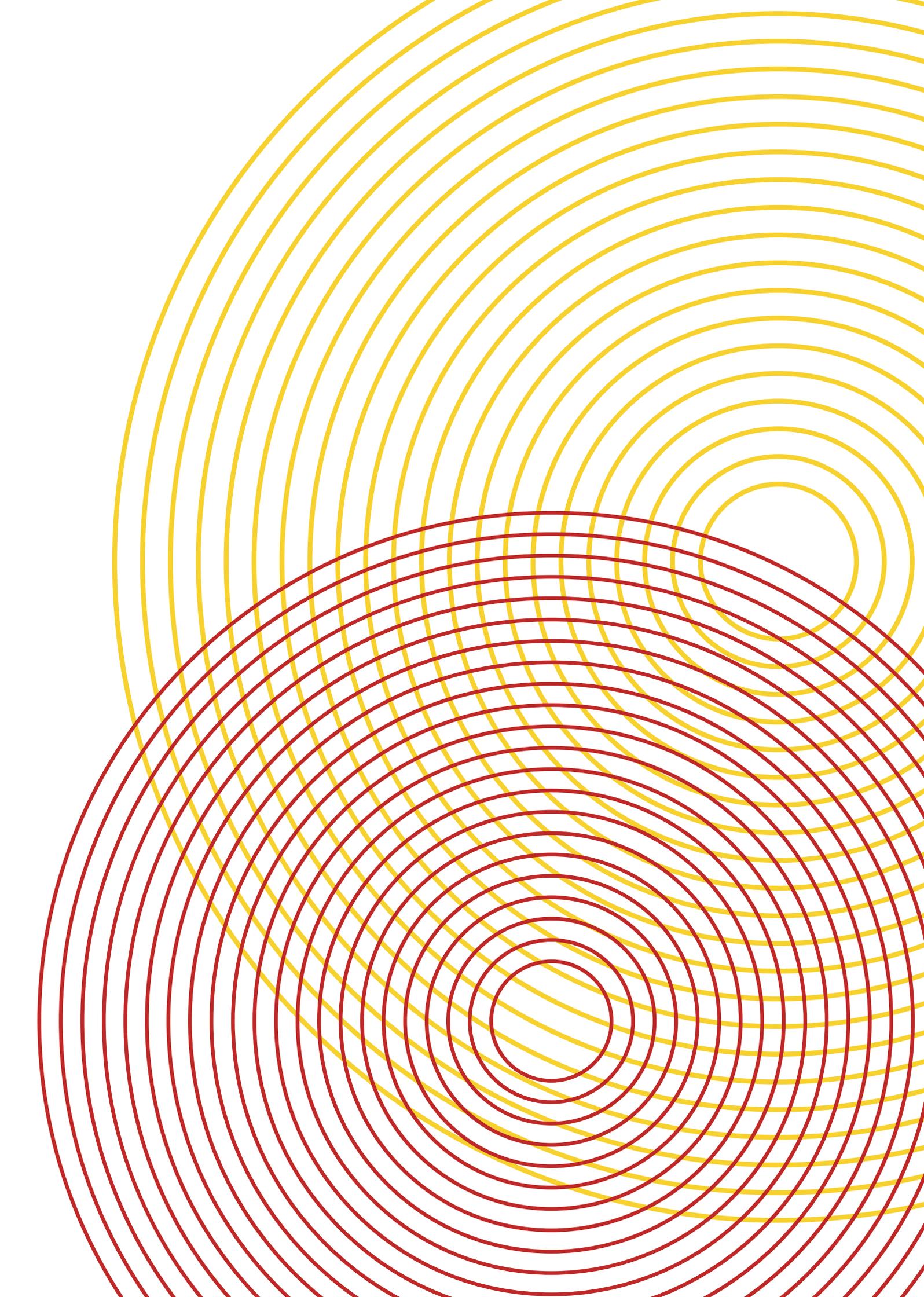
Avaliação diagnóstica e formativa a partir da análise de desenvolvimento das atividades propostas.



REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- AZEVEDO, Thales de. **Democracia racial**: ideologia e realidade. Petrópolis: Vozes, 1975.
- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. “Abolicionismo Transatlântico e a Memória do Paraíso Racial Brasileiro”. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, 1996, nº 30, pp. 151-162.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BERNARDINO, J. “Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil”. **Estudos Afro-Asiáticos**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-73, 2002.
- BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Edição organizada por Marcos Chor Maio. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- FERREIRA, N. T. “Como o acesso à educação desmonta o mito da democracia racial”. **Ensaio: aval.pol.públ. Educ.**, v. 27, n. 104, p. 476- 498, 2019.
- DA MATTA, Roberto. “Notas sobre o racismo à brasileira”. In Jessé Souza (org.). **Multiculturalismo e racismo**: uma comparação Brasil-Estados Unidos. Brasília: Paralelo, 1997, p. 69-74.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1964.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- MUNANGA, Kabengele. “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”. In: BRANDÃO, A. (Org) **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Ed. UFF: Niterói-RJ, 2004.
- BENTO, M. A. S. “Raça e gênero no mercado de trabalho”. In M. I. B. Rocha (Org.), **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios** (pp. 295-307). Campinas (2000a).
- MUNANGA, K. “Algumas considerações sobre ‘raça’, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos”. **Revista USP**, n. 68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra SVA, 1978.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2021.
- QUIJANO, A. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, E. (Org). **Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p. 227-278.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Ação Educativa, 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.





O TRABALHO DO CUIDADO E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

JESSICA ROCHA*

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política da EACH/USP, possui mestrado em Estudos Culturais, pela mesma Escola, e é licenciada em Ciências Sociais (UNICID) e em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Possui experiência em pesquisa qualitativa na grande área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com foco em História das Drogas, Antropologia Urbana, Políticas Públicas e Relações Étnico-raciais. Atualmente, é integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Informação, Representação, Memória e Subjetividades da Universidade Federal do Cariri (INFORMES/UFGA), e do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Tecnologias em Diversidade, Gênero e Sexualidade da Universidade Federal da Grande Dourados (DIVERGENS/UFGD). Possui especialização em Projetos Sociais e Políticas Públicas pelo SENAC, e atua desde 2011 com arte-educação e produção cultural. Ativista dos Direitos Humanos, compõe alguns coletivos que atuam na perspectiva da incidência política na produção e reelaboração das políticas públicas sobre drogas no país, bem como com a produção de intervenções artísticas e na perspectiva da Redução de Danos, em cenas de uso de drogas.

PLANO DE AULA	
ATIVIDADE	
DETALHAMENTO / DESENVOLVIMENTO	
ABRANGÊNCIA	
DURAÇÃO	 75 minutos

OBJETIVOS

- Abordar a temática da divisão social do trabalho sob a perspectiva do feminismo negro.
- Apresentar diferentes teorias sociológicas sobre a divisão social do trabalho e cruzar os dados atuais sobre os recortes de gênero e raça.
- Debater sobre a divisão social do trabalho desde a perspectiva do trabalho doméstico até a educação das novas gerações.
- Produzir em grupo propostas de reparação histórica às pessoas que exercem funções trabalhistas essenciais à manutenção da sociedade, através de uma cartografia afetiva.

PÚBLICO(S) EM DIÁLOGO

Pessoas a partir de 13 anos.

ACERVOS, REFERENCIAIS, CONTEÚDOS MOBILIZADOS



IMAGÉTICA DO INVISÍVEL (Podcast GiraLab - 26min)

Recomendamos a escuta atenta do episódio **Imagética do invisível** do podcast GiraLab, a fim de se afetar pela artista e pensadora Neon Cunha que, em comunhão com outras vozes de produtoras de conhecimentos e zeladoras dos saberes, propõe a perspectiva da prática de um antirracismo que opere sob o espectro da interseccionalidade entre raça/etnia, classe, sexualidades e gêneros.





BELA GIL COMENTA SOBRE O TRABALHO INVISÍVEL DAS MULHERES

YouTube Subversa Lab, 2min55, 29 de novembro de 2022.

PASSO A PASSO PARA A REALIZAÇÃO

MATERIAIS E RECURSOS:

- Projetor;
- Computador;
- Imagens impressas;
- Cartolinas, cola, lápis, giz e lousa.

ETAPAS:

Roda de conversa (25 minutos)

Perguntas disparadoras: Quais as funções de quem cuida? Quais marcadores sociais (gênero, etnia/raça, classe) têm aqueles/as que cuidam? Onde está quem cuida? O que é cuidado? Qual a importância do cuidado na organização social? Quem cuida de quem cuida? Observaremos imagens que representam algumas funções do cuidado.

Mural das funções do cuidado (10 minutos)

Criação de um mural, contendo imagens e tópicos com suas vantagens e desvantagens, importância social e dados levantados sobre os marcadores sociais de quem exerce tais funções e sua respectiva remuneração média.

Exposição de vídeo (3 minutos)

[Bela Gil comenta sobre o trabalho invisível das mulheres.](#)

Cartografia afetiva (12 minutos)

Realizaremos uma cartografia (textual) das funções do cuidado rememorando as pessoas que exercem ou exerceram essa função em nossas vidas, desde casa até a escola e outros meios que vivemos, propondo reparações ao exercício das funções, considerando as desvantagens atuais para projetar outros futuros.

Proposta de reparação histórica (15 minutos)

Em grupo, os estudantes serão convidados a produzirem propostas de reparação histórica para as pessoas que tradicionalmente exercem a função de cuidado em nossa sociedade. Em seguida, as propostas devem ser apresentadas para a turma.



ESTRATÉGIA(S) DE AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada a partir da produção de uma cartografia afetiva sobre as funções do cuidado, imaginando possibilidades para reparar o lugar social e a valorização profissional das pessoas que cuidam. Será considerada a participação efetiva dos e das estudantes na produção desse material, desde suas narrativas até suas propostas.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo/SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo/SP: Elefante, 2019.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. 12ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. 2ª ed. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo/SP: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- _____. **Ensinando pensamento crítico**: Sabedoria prática. Trad. Bhuvli Libanio. São Paulo/SP: Elefante, 2020.
- _____. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres Negras e Feminismo. 5ª ed. Trad. Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro/RJ: Rosa dos Tempos, 2020.
- _____. **Ensinando comunidade**: Uma pedagogia da esperança. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo/SP: Elefante, 2021.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**. Diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo/SP: Ática, 2014.
- PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2018.
- SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG, 2010.
- TEIXEIRA, J. **Trabalho doméstico**. São Paulo/SP: Jandaíra, 2021.

AGROECOLOGIA URBANA ANTIR- RACISTA COM BASE EM PRÁTICAS DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

WILSON ROBERTO VERONEZ JÚNIOR*

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UNESP 2021-). Membro do Conselho Científico da Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília (RIPPMar) e da Revista *Journal of Sustainable Urban Mobility* (JOSUM). Especialização em Processos Didáticos-Pedagógicos para Cursos na Modalidade à Distância na UNIVESP (2019-2021). Atuou como facilitador de ensino à distância nos cursos de Gestão Pública, Engenharia de Computação, Engenharia de Produção e Pedagogia da UNIVESP (2019-2021). Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UNESP 2019-2021). Consultor em Arquivos na empresa CAP Arquitetura Construção LTDA (2019). Bacharel em Arquivologia pela Unesp de Marília (2012-2017). Tem como interesse de pesquisa: Arquivos de Movimentos Sociais (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST) e Frente Nacional de Luta - FNL), Partidos Políticos (Partido dos Trabalhadores - PT) e Movimentos Sindicais (Central Única dos Trabalhadores - CUT).

	PROJETO DIDÁTICO
	PROGRAMA DE CURSO
DETALHAMENTO / DESENVOLVIMENTO	
ABRANGÊNCIA	
DURAÇÃO	 2 semestres

OBJETIVOS

- Elaborar um plano de aula sobre agroecologia urbana, ou seja, construção de hortas urbanas em praças com base nas ações culturais do MST.
- Aprofundar a discussão sobre a ideia de agroecologia urbana voltada para uma ação antirracista.

PÚBLICO(S) EM DIÁLOGO

Estudantes do Ensino Fundamental, educadores e ativistas.

ACERVOS, REFERENCIAIS, CONTEÚDOS MOBILIZADOS



MOVIMENTOS SOCIAIS DE RESISTÊNCIA EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS (Podcast GiraLab - 28min)

Neste episódio, o GiraLab escuta Camila Cardoso, coordenadora de projetos da comunidade cultural Quilombaque @quilombaque, que há dezoito anos atua junto a movimentos sociais, com memória e turismo de resistência em Perus, na região noroeste de São Paulo.



METODOLOGIAS

A proposta vai ao encontro da necessidade de se implementar políticas públicas de segurança alimentar, bem como a adoção de hábitos saudáveis de alimentação. Em um país com 33 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, é importante discutir a necessidade de reforço alimentar de estudantes do Ensino Fundamental em cidades do interior do estado de São Paulo.

A metodologia empregada para o desenvolvimento da proposta inicial foi a pesquisa bibliográfica, em que foram recuperados e analisados materiais sobre Movimentos Sociais, Movimento Sem Terra, Educação Antirracista, Agroecologia, Agroecologia Urbana, Horta Urbana, Segurança Alimentar, cujo objetivo foi apresentar as principais produções desenvolvidas sobre o tema proposto.

O método de aplicação será baseado em práticas do MST, isto é: análise de solo, abertura de canteiros, adubação orgânica de solo com base em elementos orgânicos provenientes da própria natureza, uma vez que a agricultura tradicional representada pelo agronegócio tem por hábito a aplicação de fungicidas, pesticidas e agrotóxicos na produção agrícola, esses elementos são considerados nocivos para o consumo humano.

O fato de não seguir parâmetros adotados pela agricultura tradicional (agronegócio), reforça a tese antirracista adotada pelo MST na produção agroecológica de seus produtos.

Com base nas discussões levantadas pelo Podcast “Movimentos sociais de resistência em territórios periféricos”, promovido pelo GiraLab, foi possível suscitar ideias concretas acerca da elaboração de um plano de aula antirracista e que faz uso das práticas agroecológicas e sustentáveis advindas do MST para sua execução.

PASSO A PASSO PARA A REALIZAÇÃO

Conhecimento teórico (3 meses)

Estudos de conteúdos antirracistas, decoloniais e de epistemologias do Sul. Autores: Djamila Ribeiro, Ailton Krenak, Silvio Almeida, Paulo Freire, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez.

Reconhecimento de ambiente (1 mês)

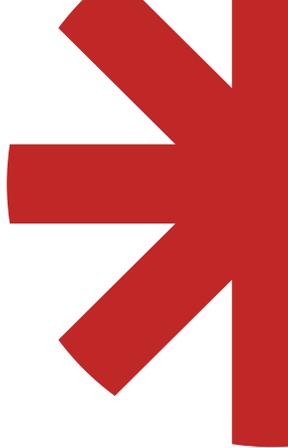
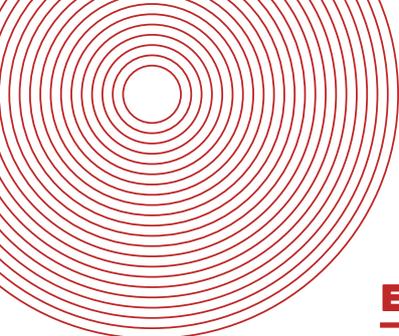
Análise de solo, construção de canteiros e adubação orgânica.

Plantio (3 meses)

Plantio de hortaliças: alface, couve, almeirão, salsinha, cebolinha, cebola.

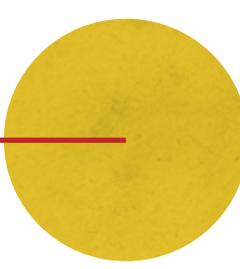
Avaliação (1 mês)

Aplicação de provas teóricas e práticas ao final do curso.



ESTRATÉGIA(S) DE AVALIAÇÃO

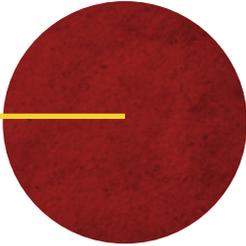
A partir da formação dos estudantes com base em materiais que discutem a decolonialidade, epistemologias do Sul e de tópicos antirracistas, a etapa de avaliação se dará de forma dialógica de matriz freireana, ou seja, com base no conhecimento adquirido pelos estudantes, experiências e trocas de ideias entre os diversos grupos sociais, assim como a realização de provas práticas em canteiros construídos pelo próprios alunos em praças, sobretudo em regiões de comunidades periféricas abandonadas pelo poder público.



REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio. “Capitalismo e crise: o que o racismo tem a ver com isso?” In: Dennis de Oliveira. (Org.). **A luta contra o racismo no Brasil**. 1ed. São Paulo: Edições Fórum, 2017, v. 1, p. 187-198.
- ALMEIDA, Sílvio et al. **Marxismo e questão racial: Dossiê Margem Esquerda**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. “Agroecologia: enfoque científico e estratégico”. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.
- CARDOSO, Cláudia Pons. “Americanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez”. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 965-986, 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR (IDEC). “Em 2022, 33 milhões de brasileiros passam fome no Brasil”. Disponível em: <https://idec.org.br/noticia/em-2022-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-no-brasil>. Acesso em 30 de nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2020.
- GUZMÁN, Eduardo Sevilla. “Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia”. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.
- LEFF, Enrique. “Agroecologia e saber ambiental”. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.
- MILANEZ, F.; SÁ, L.; KRENAK, A.; CRUZ, F. S. M.; RAMOS, E. U.; & Jesus, G. D. S. D. (2019). “Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas”. **Revista Direito e Práxis**, 10, 2161-2181.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **A luta pela terra como forma de combate ao racismo agrário**. 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/11/11/a-luta-pela-terra-como-forma-de-combate-ao-racismo-agrario/>. Acesso em 25 de nov. 2023.
- RIBEIRO, Djamila. “Feminismo negro para um novo marco civilizatório”. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

FICHA TÉCNICA



REALIZAÇÃO

Intermuseus

EQUIPE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS

Ednéia Gonçalves

Marcia Padilha

Bianca Ramos

EQUIPE DE COORDENAÇÃO

Andréa Buoro [COORD. EXECUTIVA]

Joana Tuttoilmondo [COORD. CONTEÚDOS]

Fabi Silva [ASSISTENTE]

Uriel Silva [ASSISTENTE]

GRUPO DE REFERÊNCIA

Ana Lúcia Silva Souza

Jaqueline Santos

Nego Júnior

Neon Cunha

PROFESSOR CONVIDADO ENCONTROS FORMATIVOS

Paulo César Garcez Marins
[MUSEU DO IPIRANGA]

CONVIDADOS DOS PODCASTS

Abílio Ferreira

Ana Lúcia Silva Souza

Camila Cardoso

Ednéia Gonçalves

Jaqueline Santos

Neon Cunha

Nego Júnior

Renata Prado

Tadeu Kaçula

Tawane Theodoro

EDIÇÃO DE VÍDEO

Ronaldo Miranda

PODCAST

Estúdio Zut

IDENTIDADE VISUAL, WEB DESIGN, DESIGN GRÁFICO

Dinamo Design

IMPLEMENTAÇÃO WEB

NewGosling

REVISÃO

Aline Fátima da Silva Costa Magno

PRONAC 204376

Realização



INTE
R M U
SEUS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO